

O artesanal do digital: poéticas da colagem

Fernanda Vieira de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Tania Lucía Maddalena

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Amanda Isarrá

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Palavras-chave: Artesanias; digital; redes; subjetividade; docência.

Narramos em primeira pessoa do plural — o nós. Somos três pesquisadoras que, sem abrir mão da escrita como gesto de inscrição e de partilha do olhar, acreditam na potência das linguagens que ultrapassam o texto, expandindo-se em imagens, sons, performances e tramas digitais. Nossa escolha pelo nós não é apenas uma marca estilística, mas um posicionamento ético e epistêmico: inscreve a pesquisa como prática coletiva, dialógica e relacional.

Este texto estrutura-se em três eixos que se entrelaçam: 1) O artesanal do digital, onde discutimos a possibilidade de compreender o digital em rede não apenas como contexto técnico, mas como campo sensível, lugar de gestos e movimentos que permitem reimaginar a ciência. Nesse eixo, recuperamos a noção de que narrar no digital pode ser também fazer ciência, instaurando modos de conhecimento menos lineares e mais abertos à experiência; 2) Poéticas da colagem, aqui exploramos a colagem como prática estética e epistêmica. Enquanto artesanaria, ela movimenta restos e fragmentos, tensionando os limites do que é considerado conhecimento válido e produzindo estéticas do possível. A colagem, nesse sentido, não é apenas um recurso, mas um modo de pensar e fazer pesquisa que acolhe a multiplicidade, o inacabado e a invenção; 3) Tecido multilingual: a arte da colagem nas assembleias, partimos da experiência vivida em Montevidéu, durante os quatro dias do SIPACV, para refletir sobre a colagem como prática coletiva, situada e multilinguística. Nesse contexto, a colagem aparece como espaço de negociação entre línguas, culturas e corpos, permitindo que o comum se teça a partir da diferença.

O artesanal do digital

Compreende-se artesanias “como apropriações e criações tecnológicas que participam da subjetivação dos trabalhadores, em especial do docente em exercício e do docente em formação universitária” (Nolasco, 2019, p.65). Quando utilizamos a palavra artesanias, nos referimos a toda e qualquer produção tecnológica, criada ou recriada.

Uma artesanía é um modo de inserir ideias no mundo e, ao inseri-las, recolocar-se, habitando-o de outra forma, sob uma nova perspectiva. Um caderno, um poema, uma música, uma instalação, um blog, um álbum de figurinhas, um podcast, um filme, uma fotografia...(Nolasco-Silva, 2022, p.81)

Falar sobre o gesto artesanal é abrir o olhar para novas maneiras de *fazersentirpensar*, é ampliar os modos de narrar-se e de narrar o mundo. Na docência, em particular, o conceito de professor artesão-inventor (Skliar, 2014; Nolasco, 2019) aponta para a potência criadora de quem habita as linguagens e, a partir delas, inventa-se e reinventa-se na relação com o outro. Nesse horizonte, a hipermídia torna-se terreno fértil para experimentar a docência como espaço de invenção.

Mais que um conceito, é uma declaração de intenções: queremos defender uma forma de ensinar e aprender que não se limite ao técnico ou ao funcional, mas que abra espaço para sentir, para experimentar. Interessa-nos pensar a educação como um campo poético, onde os artesanatos digitais — esses gestos criativos e sensíveis com a tecnologia — permitem ao sujeito expressar sua singularidade, sua história, sua perspectiva. Como quando montamos uma colagem com fragmentos que já existem, mas os remixamos para dizer algo novo, algo nosso. Os artesanatos digitais, nesse sentido, são modos de tecer subjetividades, afetos e relações.

Devemos aderir ao pensamento do artesanato, de que a produção de projetos digitais vai para além do industrial. Ser artesão na era digital é estar em contato direto com o outro, aprendendo e trabalhando em rede nas diversas etapas de um projeto. A internet e sua teia de conexão é um facilitador da elaboração, e de fato efetivação, de projetos colaborativos que são catalisadores na difusão de conhecimento, então articular essas diversas tecnologias digitais para inseri-las dentro dos espaços educativos, e entender a multiplicidade de espaços para expandir os processos de curadorias, fortalecem a ligação entre a tecnologia, o sujeito e o artesanato, tornando o ambiente educacional propício para uso mediado das tecnologias. As tecnologias digitais não são simples ferramentas, mas artefatos culturais do nosso tempo (Certeau, 2012), capazes de criar e estabelecer mediações com diversas linguagens que habitam as redes.

Diversos autores sustentam a tese de que, com a ascensão das tecnologias digitais em rede, perdemos a capacidade narrativa; haveria, segundo essa perspectiva, um esvaziamento da experiência humana em sua dimensão de narrar (Han, 2023). Este trabalho, contudo, caminha em direção contrária. Não por ingenuidade diante das complexas tramas de poder da cibercultura — estamos

cientes das lógicas algorítmicas que atravessam nossas vidas e da perversidade que estrutura muitas das Big Techs —, mas por acreditar que a narrativa resiste, ainda que em fissuras e brechas.

Nosso investimento está em recuperar a força analógica do narrar que reside nas práticas que nos constituem enquanto sujeitos históricos e culturais, revelando como essas práticas persistem, mesmo que discretamente, em vestígios e gestos cotidianos. Narrar, ainda hoje, é possível e necessário: as narrativas se reconfiguram e reaparecem na própria tessitura do digital em rede, onde o humano insiste em imprimir sua voz, sua memória e sua sensibilidade.

É nessa perspectiva que o EduStoryLab- Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação se inscreve, ao se debruçar sobre as narrativas digitais para ensaiar outros modos de fazer ciência. Modos em que o saber não se restringe à palavra escrita, mas se expande em tramas hipermidiáticas que se tornam mais do que simples suportes: tornam-se artesanato sensível, coletivo, vivo. Essa tessitura permite que emergam dimensões muitas vezes silenciadas pela rigidez da ciência moderna: afetos, corpos, memórias e vozes que nos atravessam enquanto sujeitos sociais.

Poéticas da colagem

A partir da prática da colagem — entendida como poética do fragmento, do remix e da invenção (Kastrup, 2001) — exploramos os usos cotidianos da tecnologia como territórios de criação sensível. Reunindo materiais diversos, entre memes, capturas de tela, arquivos pessoais e recortes digitais, buscamos ativar uma estética do comum, onde mãos e máquinas se entrelaçam.

A colagem traz em seu sumo uma perspectiva semiótica, que ultrapassa os conceitos pré definidos e transborda significados em sua prática, como a apropriação (Villa-Forte, 2019), a desconstrução, a fragmentação de elementos, o deslocamento, a experiencição imagética e, principalmente, a resignificação. Esta prática faz parte do movimento artístico presente na hibridização cultural e estética contemporânea. Devemos internalizar o nosso olhar, nos voltarmos para nossas subjetividades, que nos perpassam e se tecem através do *espaço-tempo*. Quando exercitamos a colagem estamos cultivando a multilinguagem, a multiculturalidade, a diversificidade e pluralizando nossos sentidos:

relações dialógicas podem ser construídas e reconstruídas a partir de circunstâncias, informações, trajetórias e posições de sujeito que configuram o olhar. Como sabemos, o olhar sempre está traspassado por condições e referentes que se superpõem tais como classe, raça, idade, estilo de vida, preferências sexuais e muitas outras. Via olhar, essas relações embebem (contaminam) o espaço da imagem com informações, preconceitos, expectativas e predisposições, transformando-o em espaço de interseção, de interação e diálogos com subjetividades e, por isto mesmo, passível de sugerir e influenciar reposicionamentos sócio-simbólicos e, inclusive, repulsa. (Martins, 2008, p.31)

O sujeito contemporâneo constrói sua subjetividade em processos de formação (Macedo, 2010) não só através do ambiente escolar, e relações na qual eles estão inseridos, mas também através das redes tecidas na cibercultura, onde (se)encontram e desenvolvem narrativas digitais que ajudam na produção e no autoconhecimento, para além do domínio meramente instrumental.

Quando criamos com a colagem, precisamos nos questionar: o que se emerge dessa criação? O que surpreende? Como esse gesto de colar se relaciona com narrar, pesquisar, estar presente? Que sentidos sobre o digital apareceram nesse fazer artesanal? A colagem é uma técnica que nos faz explorar o nosso sentido cotidiano, que fala do agora, das presenças nos espaços que ocupamos, da relação com o digital e o sensível, utilizando tanto a tecnologia física como a digital.

Construindo um dos pilares da artesanania digital, a reutilização de recursos na prática da colagem torna o investimento na produção artesã de baixo custo, permitindo que criemos através do “lixo” projetos, que nos tornam produtores e desenvolvedores de tecnologias. A importância das imagens e dos resíduos sensíveis impacta, nesse sentido, como uma forma de narrar o mundo, contribuindo para a formação sensível do indivíduo, em consonância com Skliar (2003), através da valorização das narrativas e da diferença. Essa valorização das pequenas coisas, impulsiona a valorização do trabalho poético e artesanal na educação, que acolhe a fragilidade e a memória como forma de resistência, dialogando diretamente à noção de professor-artesão. Esses aportes sustentam a ideia do professor-artesão-inventor, que atua com intencionalidade estética e formativa, promovendo aprendizagens significativas por meio da tecnologia, forjando um sujeito que atua criativamente com a hipermídia.

Tecido multilingual: a arte da colagem nas assembleias

O desconhecido, o outro, aquele com quem não nos relacionamos ou tapamos os olhos, é quem nos sacia de algo que não sabemos que precisamos. As perguntas que devem reverberar em nossa mente, quando de impacto com o desconhecido costumam ser: o que podemos ter em comum? O que ele traz em sua bagagem que remete à minha tessitura?

Durante os momentos da assembléia, os encontros com o(s) desconhecido(s) ressignificam a colagem, as tornando presente para além do campo físico, a colagem está na memória e na subjetividade, nos processos que construímos e que sempre estarão inacabados. Os objetos trazidos se conectam em diversos aspectos teóricos da colagem, formando uma espécie de corpo, de tecido ambíguo, que mostra um pouco e ao mesmo tempo não mostra nada sobre cada um de nós.

Os significados que os objetos carregavam eram perpassados por narrativas, que se teciam ao cotidiano de quem as contava. A sensação que prevaleceu foi uma espécie de conexão extraterritorial entre objetos desconhecidos e pessoas desconhecidas, mas que estabeleceram um significado, um pacto ao debulhar seus itens e subjetividades, uma colagem. De que forma então esses encontros com o(s) desconhecido(s) se conecta com o que pulsa em nós?

As reuniões provocaram uma sensação indeliberada de desencontro que gerou uma ressonância, nos pondo e repondo em movimento. O sentimento de caos, ordem e improvisação eram iminentes e onipresentes, atizados através de perguntas abertas que não se fechavam, nem sequer por um instante. Indagações essas que nos fazem refletir que o privilégio que temos de participar de algo tão auspicioso e excitante, escancara uma lacuna: para quem fazemos as nossas pesquisas? A minha complexidade diminui a complexidade do outro que também sofre a opressão capitalista? Pesquisamos porque queremos salvar alguém ou algo? O que fazemos enquanto pessoas que pesquisam e coexistem com o mundo não acadêmico? Talvez a resposta esteja no lugar que me pulsa com outra pessoa, aquele lugar que lateja, que se encontra e desencontra entre eu e o outro, entre fragmentos, entre colagens. A força coletiva, a subjetividade coletiva, a memória coletiva, todos esses aspectos podemos encontrar e reverberar em cada um dos momentos que nos inundaram.

A todo momento, ao encarar o objeto desconhecido do desconhecido, tentamos, miseravelmente, encaixar todos eles em conceitos para que houvesse uma conexão, como quem busca somente o fruto em uma árvore. Cada item ali exposto de forma íntima não possuía conexão até que nós mesmos estivéssemos conectados, através das nossas produções, dos nossos sentidos, buscando a resolução através dos motivos que nos moviam. O que cada um ali pensou sobre cada parte descoberta dependeu dos motivos que os levaram àquele momento.

Ao olhar todos aqueles objetos, todos desnudos após narrações que concatenaram o desconhecido (agora não tão desconhecido) ao seu artefato, pudemos observar um lindo quadro de colagem, repleto de subjetividade, de coletividade, de processos interrompidos, um tecido multilingual maior que fronteiras, maior que conclusões ou maior que qualquer predefinição humana que pudéssemos dar. Ali estavam fragmentos de corpos, construindo um novo tecido epitelial.

Referências

- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KASTRUP, Virginia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.
- MARTINS, Raimundo. Das belas artes à cultura visual: enfoques e deslocamentos. **Visualidade e educação**, Goiânia : FUNAPE, 2008. p. 25-36 (Coleção desenrêdos, 3)
- NOLASCO-SILVA, Leonardo. (2019). **Tecnodocências: A Sala de Aula e a Invenção de Mundos**. 1ª edição/Salvador-BA. Editora Devires, 2019.
- NOLASCO-SILVA, Leonardo. A professora artífice ou Sobre Dramaturgias 'docentesdiscentes' **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, Março 2022, pp. 70-86.
- SOUZA, Leonardo. (2020). **Uma Ideia de Colagem: A Construção de uma Realidade a partir do Fragmento**. UFLBA.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/Mediar a formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.
- SENNET, Richard. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- SKLIAR, Carlos. **Desobedecer à linguagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros"**. Revista Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003.
- VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

Fernanda Vieira de Oliveira

Mestranda ProPEd/Uerj, pesquisa artesanias digitais na formação docente. Membro do EduStoryLab - Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Ciberultura e bolsista CAPES.

Tania Lucía Maddalena

Pesquisadora argentina. Professora da Faculdade de Educação (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd/UERJ). É líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Ciberultura (EduStoryLab).

Amanda Isarrá

Graduada em Artes Visuais pela UERJ. Bolsista PROATEC do projeto “Histórias para Educar”. Membro do EduStoryLab - Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Ciberultura.